

IMAGENS DA LIDERANÇA DE HUGO CHÁVEZ EM DOCUMENTÁRIOS ^{1 2}

Gabriela Pandeló Paiva ³

RESUMO

Hugo Chávez governou a Venezuela entre 1998 e 2013, recebendo tanto intenso apoio quanto fortes críticas da população. Sua liderança foi construída em torno de seu carisma e capacidade retórica, sendo sua imagem moldada de acordo com interesses específicos. O objetivo desta pesquisa é analisar como sua imagem enquanto líder da Revolução Bolivariana foi construída. Para cumprir esse objetivo, o material empírico utilizado são os seguintes filmes documentários: “Ao sul da fronteira” (Oliver Stone, 2010), “Meu amigo Hugo” (Oliver Stone, 2014) e “A revolução não será televisionada” (Kim Bartlel e Donnacha O'Briain, 2003). Os filmes em questão atuam como documentos audiovisuais pró-Chávez cujo registro ficará para a posteridade e, dessa forma, sua análise permitirá registrar os aspectos positivos de seu legado.

Palavras-chave: Hugo Chávez. Documentário. Revolução Bolivariana. América Latina.

RESUMEN

Hugo Chávez gobernó la Venezuela entre 1998 y 2013, recibiendo tanto intenso apoyo cuanto fuertes críticas de la población. Su liderazgo fue construido en torno a su carisma y capacidad retórica, siendo su imagen moldeada de acuerdo con intereses específicos. El objetivo de esta investigación es analizar cómo su imagen como líder de la Revolución Bolivariana fue construida. Para cumplir este objetivo, el material empírico utilizado son las siguientes películas documentales: “Al sur de la frontera” (Oliver Stone, 2010), “Mi amigo Hugo” (Oliver Stone, 2014) y “La revolución no será transmitida” (Kim Bartlel y Donnacha O'Briain, 2003). Las películas en cuestión actúan como documentos audiovisuales pro-Chávez cuyo registro quedará para la posteridad y, de esa forma, su análisis permitirá registrar los aspectos positivos de su legado.

Palabras clave: Hugo Chávez. Documental. Revolución Bolivariana. América Latina.

ABSTRACT

Hugo Chávez governed Venezuela between 1998 and 2013, receiving intense support and strong criticism of the population. His leadership was built around his charisma and rhetorical ability and his image has been shaped according to specific interests. The objective of this research is to analyze how its image as leader of the Bolivarian Revolution has been constructed. To fulfill this objective, the empirical material used is the following documentary films: “South of the Border” (Oliver Stone, 2010), “My Friend Hugo” (Oliver Stone, 2014) and “The Revolution Will Not be Televised” (Kim Bartlel and Donnacha O'Briain, 2003). The films in question act as pro-Chavez audiovisual documents whose record will remain for posterity and, in this way, their analysis will allow us to record the positive aspects of their legacy.

Keywords: Hugo Chávez. Documentary. Bolivarian Revolution. Latin America.

INTRODUÇÃO

Hugo Chávez governou a Venezuela entre 1998 e 2013, em meio a uma intensa polarização política, quando era ou considerado um “salvador da pátria”, ou era totalmente rejeitado (BERNARDES, 20015). Independentemente de posicionamentos políticos, seu desempenho como líder ficou registrado na história, sendo necessário ressaltar suas habilidades discursivas e, também, seu carisma.

¹ DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v8i2.56297>

² Submetido em: 30 de setembro de 2017. Aprovado em: 28 de outubro de 2017.

³ Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: gabippaiva@gmail.com

Muitas filmagens foram produzidas sobre a Venezuela liderada por Chávez, bem como seu contexto no panorama latino-americano. Assim, este trabalho tem como principal objetivo analisar qual a imagem construída sobre a figura de Hugo Chávez em três documentários: “Ao sul da fronteira” (Oliver Stone, 2010), “Meu amigo Hugo” (Oliver Stone, 2014) e “A revolução não será televisionada” (Kim Bartle e Donnacha O’Brian, 2003), cujos vieses pró-chavistas ratificam o maniqueísmo das opiniões sobre sua personalidade. É necessário ressaltar o papel que estes documentários possuem enquanto documentos audiovisuais que representam um momento histórico relevante, nacional e regionalmente.

Este artigo está dividido em quatro seções principais. A primeira, “Discurso e liderança”, aborda uma discussão sobre populismo e mito político, bem como o discurso chavista. A segunda seção consiste em uma análise teórica sobre documentários e a terceira apresenta a metodologia que será utilizada. A quarta parte consiste na análise dos documentários em si e na apresentação dos resultados obtidos.

Assim, as questões que guiam este trabalho são: como a imagem de liderança de Chávez é construída? Uma vez que os documentários são favoráveis a ele, quais atributos são utilizados para reforçar essa imagem que se contrapõe à da mídia tradicional? Como a imagem construída pelos documentários reforça aquela criada pelo próprio Chávez?

DISCURSO E LIDERANÇA

Existem diversas atribuições de valor sobre a liderança de Chávez, estando entre elas a sua identificação como líder populista e como mito político. Apresento aqui algumas conceptualizações que justificam tais atribuições, não cabendo, entretanto, a escolha de alguma delas como mais pertinente em relação às outras. O objetivo desta seção é apenas ilustrativo, contribuindo para a análise vindoura.

Em primeiro lugar é necessário ressaltar que não existe um consenso na literatura sobre a definição do conceito de “populismo”. Para Ernesto Laclau (2013), o populismo aparece como um atributo geral da política, ou como um tipo de vinculação entre líderes e massas, sendo uma estratégia discursiva ou retórica. Trata-se, portanto, de uma forma política desprovida de conteúdo, pois o conceito se dilui na medida em que se torna coextensivo da noção mesma de política (BORÓN, 2012). Segundo Laclau (2013), o populismo não possui nenhuma unidade referencial por não constituir um fenômeno delimitável, mas uma lógica social que atravessa uma variedade de fenômenos. É, portanto, um modo de se construir o político.

No trabalho de Silva e Rodrigues (2015) sobre a obra de Laclau “A razão populista, os autores explicam como essa lógica é constituída: em uma sociedade existem demandas de grupos às instituições políticas. Se estas solicitações, chamadas de “demandas democráticas”, forem atendidas individualmente, o problema acaba. Porém, se as instituições ignorarem tais “demandas democráticas”, elas se acumulam na sociedade, passando de solicitação a exigência e sendo denominadas, então, de “demandas populares”. Estas, por sua vez, constituem o “povo” e sua contraposição, as instituições políticas opressoras. Por serem heterogêneas, estas demandas precisam de um significante vazio que as unifique, que se cristaliza na pessoa de um líder (SILVA; RODRIGUES, 2015).

Para Borón (2012), o ressurgimento do termo “populismo” na política latino-americana se deu devido à persistente caracterização desqualificadora, por parte de “administradores imperiais”, de qualquer governo que não se subordinasse completamente às suas exigências — caracterização esta que a mídia repete à exaustão. Para o autor, ao contrário do imperialismo, que nunca deixou de existir, o populismo, concebido de acordo com suas características estruturais, desapareceu há algumas décadas. As tentativas de ressuscitá-lo não condizem com o cenário político atual do continente, devido ao desaparecimento da burguesia nacional, seu polo de sustentação, e à fragmentação da classe operária organizada, sua antagonista.

Luis Felipe Miguel (2000, p. 31) apresenta a ideia de “mito político” de acordo com Georges Sorel, apontando que “em primeiro lugar, os mitos são imagens não suscetíveis de serem apreendidas pela razão”. O mito de Sorel rejeita a razão, pois a utopia poderia degradá-lo. Nos discursos políticos, entretanto, a rejeição da razão é velada, pois é característica da política a combinação de apelos racionais e afetivos. Outra característica importante do mito político é a sua força motriz: seu sentido é mobilizar para a ação. Além disso, o mito deve aparecer como verdade (científica, revelada ou amparada no senso comum), pois para o público a verdade é incontestável, estando acima da razão dos fatos.

A teoria de Sorel gerou dois deslocamentos importantes. O primeiro é o de que o mito deixa de ser pensado apenas no contexto de revoluções proletárias e se torna um elemento presente em discursos políticos de variados teores; o segundo é a redução do seu peso, tornando-se presente em discursos políticos efêmeros ou de pequeno alcance. Assim, são vários os elementos míticos recorrentes, como, por exemplo, o do salvador que conduz a nação à prosperidade. O mito político é uma força motriz para a ação política, sendo sua característica primordial a recusa à razão. Dessa maneira, se opõe à visão política como fruto de ações racionalmente motivadas, resultadas da interação entre cidadãos providos de

interesses e políticos que expõem com clareza seus programas de ação (MIGUEL, 2000, p. 35).

Junto com a ideia do salvador, aparece a ideia de conspiração, de elementos estranhos na sociedade que defendem interesses alheios e são fatores de desintegração. A efetivação de um projeto político requer uma unidade para se manter, precisa reunir múltiplas individualidades e interesses em um projeto comum. O salvador, portanto, é aquele que encarna o todo social contra os interesses egoístas dos adversários. A ânsia por harmonia é encontrada em todos os mitos políticos, mas, contraditoriamente, significa o fim a política, já que a existência desta depende de uma discrepância no ordenamento da vida em sociedade (MIGUEL, 2000).

Os discursos políticos ajudam na fixação da fronteira entre “nós” e “outros”, função primordial entre os políticos que os utilizam para veicular os projetos que buscam encarnar e, também, as políticas das quais serão instrumentos. Os mecanismos de identificação entre representado e representantes passam obrigatoriamente pelos discursos, que permeiam toda a atividade política, mesmo aquelas que adquirem características de luta ou jogo. A política, pela categorização de Anatol Rapoport, consiste na justaposição entre debate (convencimento e adesão do interlocutor e da plateia), luta (cujo objetivo é a destruição do inimigo) e jogo (a vitória sobre o adversário, de acordo com as regras estabelecidas). Assim, o elemento crítico nas manobras políticas é a criação de um sentido através da construção de crenças sobre os significados de determinados eventos, problemas, crises, mudanças políticas e líderes (MIGUEL, 2000).

O discurso contribui para a constituição e transformação da sociedade e da cultura por meio de três domínios da vida social: as representações do mundo; as relações sociais entre as pessoas; e as identidades individuais e sociais das pessoas. Isso quer dizer que o discurso é um elemento importante para se compreender as formas de relação entre política e poder. Em um contexto de mudanças na democracia, faz-se necessária a construção de estratégias para se alcançar o “convencimento geral”, no sentido da legitimação das relações de poder. Para tanto, o discurso político deve aprimorar seus mecanismos de implementação através de ações que legitimem os atos da fala de uns e deslegitimem os de outros (ROMERO, 2005).

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição

[...]. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Foucault argumenta que existe uma relação íntima entre o conhecimento e o poder dentro de uma coletividade e, dessa forma, o discurso que orienta a sociedade é o daquele que detém o saber. Assim, o sujeito é aquele que é determinado pelas ideias vindas dos seus superiores, ou seja, da classe que detém o poder ideológico. No campo da política, o discurso deixa de ser transparente e neutro e torna-se o meio pelo qual a palavra exerce privilégio e poder, sendo a verdade usada como mecanismo de controle social. Segundo Chartier (1990 apud TEDESCHI; ARCE, 2014), as representações estão conectadas aos interesses dos grupos sociais. Assim, torna-se possível afirmar que, ao difundir a Revolução Bolivariana, os discursos de Chávez se referenciavam a representações construídas de acordo com seus projetos políticos e interesses, a fim de se consolidar e manter no poder. Dessa forma, as representações se conectam com as lutas políticas através dos discursos.

Para alcançar o poder, o Chavismo usou-se de estratégias discursivas em que, em primeiro lugar, desmontou suas representações e ideias, baseando-se em propostas de superação da crise *puntofijista*. Isso permitiu a configuração do movimento como uma alternativa viável ao poder. Dessa forma, sua lógica discursiva incorporou e se direcionou ao cidadão comum, de uma maneira mais informal, algo que não se aplicava à realidade que se intencionava superar, cujo ator principal era o partido. O discurso de Chávez passou a associar o ator “povo” a valores sociais positivos, de civilidade, cidadania, permitindo, portanto, a identificação dos cidadãos com o líder (ROMERO, 2005).

Outro aspecto inerente à política é o espetáculo, mas sua redução a ele é realizada como uma crítica à política democrática contemporânea, cujos conflitos e decisões seriam encenações direcionadas aos eleitores. Murray Edelman (1985) faz uma distinção entre a política voltada à plateia (o espetáculo) e a política como disputa de interesses. Na primeira, o político dirige-se a um público considerado incapaz de compreender as consequências de atos políticos, respondendo apenas a apelos emocionais. Já a política-interesse seria um privilégio de pequenos grupos atuantes conscientes dos objetivos disputados. Mesmo considerando que o comportamento perfeitamente irracional se refere ao público, e o perfeitamente racional aos grupos atuantes, é necessário demarcar a conexão entre a política de espetáculo e a disputa de interesses: “o espetáculo existe em função da disputa de interesses” (MIGUEL, 2000, p. 62).

O político entra no palco em busca de um posicionamento que seja favorável aos seus interesses. A política, mesmo com seus aspectos de espetáculo, molda uma práxis a partir das representações que compartilha.

Segóvia (2009) analisa o discurso de Chávez partindo do pressuposto de que ele é populista. A relação de Chávez com as massas se sustenta com uma mensagem de conteúdo emocional, centrado na ideia do povo e de revolução. Outros pilares de sua retórica consistem em abordagens místicas, o culto a Simon Bolívar e outros heróis do passado, símbolos religiosos e apelação a valores tradicionais para justificar suas ações. Chávez também põe em prática uma autorreferência positiva e a utilização da “técnica do homem simples”, na tentativa de ser reconhecido como “mais um” (SEGÓVIA, 2009).

García (1988 apud SEGÓVIA, 2009) argumenta que uma característica essencial do populismo é sua especificidade cultural, eixo onde se encontra a unidade latino-americana. A mensagem populista se centra na tradição cultural popular porque se utiliza de suas imagens e símbolos, dos quais se nutre sua retórica, aliada a elementos emocionais. A liderança e seu programa possuem uma importância maior do que a ideologia, apelando para a noção de “povo” e também ao “nacional” e “tradicional”, atingindo-se, então, uma forte conexão emocional e afetiva com as massas. Segundo Dussel (1983 apud SEGÓVIA, 2009), no discurso político populista as palavras possuem poder por provirem de alguém comprovadamente glorificado e reconhecido na luta política. Assim, sua expressão oral diante da multidão é um momento privilegiado do exercício do poder.

DOCUMENTÁRIOS

Documentários consistem em uma abordagem possível daquilo que chamamos de real (GAUTHIER, 2011). Passek (2001, p. 383), em seu “Dictionnaire du Cinema”, no verbete “*documentaire*”, faz um panorama histórico do surgimento e desenvolvimento desse movimento filosófico e estético da sétima arte. O autor cita John Grierson, com “documentar um fragmento no qual é detectado um tratamento criativo da atualidade”. Completa dizendo que “geralmente, este termo designa toda obra cinematográfica não abrangida pela ficção, que se preocupa em descrever ou reconstituir o real”.

Os documentários representam aspectos do mundo em que vivemos, expressando uma compreensão sobre o que a realidade foi, é, ou poderá vir a ser. Proporcionam, dessa forma, novas visões sobre o mundo, para que as exploremos e compreendamos. Abordam temas que necessitam de atenção, apresentando questões sociais e atualidades, e assim firmam

um vínculo sólido com o mundo histórico, pois acrescentam uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2005).

São três as maneiras pelas quais os documentários se engajam na representação do mundo. Em primeiro lugar, proporcionam uma representação reconhecível deste por sua capacidade de registrar os acontecimentos com fidelidade, como situações possíveis fora de um cinema. A verdade, entretanto, é relativa, já que uma imagem não é capaz de mostrar tudo o que realmente aconteceu, além de poder ser manipulada de diversas formas (NICHOLS, 2005).

Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera compele-nos a acreditar que a imagem seja a própria realidade representada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade. (NICHOLS, 2005, p. 28).

Em segundo lugar, os documentários significam ou representam interesses de terceiros, seja dos sujeitos tema de suas abordagens, seja de instituições patrocinadoras. Assumem, muitas vezes, o papel de representantes do público. Por fim, podem apresentar a defesa de uma maneira de interpretar provas, tendo uma capacidade de intervenção direta no mundo ao apresentar a natureza de um assunto, conquistando consentimento ou influenciando opiniões (NICHOLS, 2005).

O documentário se organiza pela lógica de sustentação de um argumento, uma afirmação ou uma alegação sobre o mundo histórico. Sua continuidade é garantida por uma montagem que prioriza situações que se relacionam no tempo e no espaço através de ligações reais e históricas. As tomadas, então, formam a retórica em torno de um argumento que lhe dá direção. Os personagens são atores sociais que levam a vida de forma semelhante a que levariam sem a presença da câmera, em suas atividades e papéis cotidianos; transmitem informações, dão testemunhos, oferecem provas. A organização de um documentário é avaliada por seu poder de persuasão ou convencimento de suas representações. Finalmente, é possível dizer que o documentário estimula o desejo de saber do público através da promessa de informação e conhecimento, de descobertas e consciência: aquele que sabe compartilhará conhecimento com aqueles que desejam saber (NICHOLS, 2005).

Ramos (2008) argumenta que a noção de verdade se aproxima daquilo que é definido como interpretação. Comolli (2004) defende que a parte documentária do cinema implica que os registros de ações se referem necessariamente à realidade de sua manifestação, sendo esta

provocada ou não pelo filme. Este, por sua vez, torna-se um filtro modificador da forma das coisas, mas não de sua realidade. A realidade referencial é definida anteriormente pelo cinema documentário e se impõe a ele como uma lei. Nichols (2005) propõe que a interpretação diz respeito a compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores.

Chaia (2011) defende que a dimensão política do cinema se torna evidente ao tratar de lideranças políticas e propagar perspectivas que abordam os governantes, construindo, assim, imagens públicas que se tornam parte do imaginário político. O cinema, portanto, ratifica o aparecimento do *personalismo* na cultura política contemporânea, por ser marcado por concepções que influenciam a prática política. Mesmo a autora limitando sua análise ao caso brasileiro, é possível observar semelhanças entre seu argumento e os documentários sobre Chávez no sentido em que, nestes, é depositada fé no indivíduo, no líder, como se sua autoridade pudesse solucionar os problemas nacionais. Isso se dá através da valorização do prestígio pessoal, da capacidade individual, como se o indivíduo fosse capaz de executar sozinho um projeto de governo. Prevalece, portanto, a identificação do Estado com o Executivo e, consequentemente, a supervalorização de sua capacidade de ação. O personalismo carrega um caráter negativo na medida em que desqualifica organizações democráticas e desvaloriza instituições, prevalecendo nessas lideranças um caráter autoritário, bem como uma visão elitista de que apenas alguns teriam as qualificações necessárias para governar.

Ao unir cinema documentário e política — em especial, o estudo de lideranças políticas —, chega-se a Hugo Chávez. O acervo audiovisual a seu respeito reforça sua imagem carismática, sua liderança e a construção de uma identidade nacional bolivariana. Garante, portanto, a manutenção desta imagem no imaginário político, cumprindo o papel de fonte de “memória popular” (NICHOLS, 2005, p. 90). É possível afirmar, portanto, que estes filmes têm um caráter de documentação histórica, cujo registro será reproduzido de forma a reafirmar a mensagem transmitida. A imagem de Chávez construída por estes cineastas é um elemento relevante na manutenção de seu legado através da história.

Comolli (2004) ressalta que o cinema, por trabalhar as formas sensíveis e inteligíveis da relação entre os homens, é uma arte fortemente política. Os filmes aqui tratados têm em comum um retrato predominantemente positivo da figura de Chávez, bem como da situação venezuelana, o que pode se inserir no argumento de Gauthier (2011) de que o documentário seria uma pesquisa e, portanto, uma questão de método. Assim, na tentativa de se alcançar um fragmento da *verdade*, cabe ao cineasta manter sua convicção.

Em um contexto onde as práticas sociais podem adotar diversos conjuntos de valores, estes devem competir entre si: há os valores dominantes, para a manutenção de sua hegemonia e os alternativos, para se obter legitimidade. Essa disputa ocorre em uma arena ideológica, através de mecanismos de persuasão, e requer comunicações que dependem de um meio de representação. O documentário, portanto, tem a função de convencer o público a ter uma determinada visão do mundo real, em que se vive, ativando não apenas a percepção estética, mas também a consciência social (NICHOLS, 2005).

O primeiro filme, “Ao sul da fronteira” (Oliver Stone, 2010), apresenta a tentativa do diretor de explicar o fenômeno político chavista e a Revolução Bolivariana. Para isso, conversa não apenas com Chávez, mas também com outros chefes de Estado latino-americanos, para melhor compreender o momento político vivido no continente.

Alguns pontos relevantes são enfatizados ao longo do filme, entre eles as históricas interferências do FMI e da política estadunidense na região, que foram finalmente enfrentadas por alguns presidentes, encabeçados pela audácia de Chávez, que se mantivera sozinho, durante alguns anos, como um chefe de Estado de esquerda na região. Sua atuação daria esperança aos países vizinhos para que elessem governantes “com a cara de seus governados”, sendo capazes de se unirem contra o grande mal que assolaria o continente, o imperialismo dos Estados Unidos, e, com fortalecimento mútuo, dessem continuidade à nova era iniciada por Hugo Chávez. Mesmo com a mídia dos Estados Unidos chamando Chávez de ditador e com a intensa oposição dos meios de comunicações nacionais, esses governos foram eleitos. Um detalhe importante de se acrescentar é a relação íntima entre o diretor Stone e Chávez, que agiam como se fossem velhos amigos, conversando de maneira informal.

O segundo documentário, “Meu amigo Hugo” (Oliver Stone, 2014), uma continuação de “Ao sul da fronteira”, trata-se de uma homenagem póstuma a Chávez. Nele, são entrevistadas pessoas próximas ao ex-presidente, que reforçam seu caráter humilde, sua simpatia, sua dedicação à Revolução Bolivariana e, principalmente, ao povo venezuelano. Outros elementos essenciais que são abordados no documentário são o sucesso inesperado do lançamento do primeiro filme, a tentativa da oposição de atingir o presidente, sua batalha contra o câncer, a suspeita de esta doença ter sido uma conspiração, o vazio político que sua ausência causaria, seu legado como um dos grandes libertadores da Venezuela e como líder latino-americano, a repercussão da sua morte na mídia norte-americana e o início do governo de Nicolás Maduro.

Já “A Revolução não será televisionada” (Donnacha O’Briain e Kim Bartley, 2003) seria inicialmente um documentário sobre Chávez, “o homem por trás do processo

revolucionário da Venezuela”, mas acabou retratando a ocorrência de um golpe de Estado⁴, que alterou seu foco. O filme apresenta a trajetória desse processo, iniciando-se meses antes dele, a partir da contextualização do cenário político do país, e retratando o desenrolar de uma crise encabeçada por opositores políticos, a realização do golpe, seu fracasso e o retorno de Chávez aos braços do povo. Dentre os aspectos apresentados pelo filme que nos são aqui relevantes, estão as relações conflituosas entre Chávez e o governo estadunidense de George W. Bush (2001–2009); a relação entre o carismático ex-presidente, que se mostra muito acessível, e a população humilde; a importância da Constituição Bolivariana homologada em 1999, que trouxe o aumento da participação política; o espírito de solidariedade oriundo dos ideais revolucionários de Chávez; o medo da classe média em relação ao presidente; a discrepância entre a Alta e a Baixa Cúpula do Exército; a atuação conspiratória dos meios de comunicação privados.

METODOLOGIA

Para cumprir o objetivo desta pesquisa, que consiste na análise da construção da imagem de Chávez nos documentários supracitados, a metodologia desse trabalho será qualitativa em sua totalidade. Em um primeiro momento, fez-se uma análise interna dos documentários, que abordam três momentos distintos da trajetória em questão, selecionando-se as características que orientam o discurso apresentado. Essa seleção se fez com a aplicação do conceito de “enquadramento” de Entman (1993), que consiste em selecionar aspectos de uma realidade percebida e salientá-los em um texto comunicativo, promovendo-se, então, uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral ou, ainda, uma recomendação de tratamento para o fragmento descrito.

A escolha do Enquadramento como ferramenta metodológica se deu dentre as opções disponíveis no campo da Comunicação Política. Não foi encontrada uma metodologia específica para a análise política de documentários, sendo necessária uma adaptação que garantisse a viabilidade de sua realização.

Dentre os temas abordados nos filmes, foram selecionados aqueles que apresentavam maior relevância para se compreender a construção da imagem de Chávez nos contextos apresentados. Assim, houve a atribuição de pacotes interpretativos de Gamson e Modigliani (1989). Vimieiro e Maia (2011, p. 242) traduzem este conceito como “agrupamentos

⁴ Golpe de abril de 2002.

formados por determinados dispositivos simbólicos e que têm como essência o enquadramento [...] os pacotes implicam uma faixa de posições mais do que um único grupo fechado de símbolos”. Dessa forma, foram agrupadas características consideradas relevantes para o processo de análise que, posteriormente, foram atribuídas aos trechos dos filmes a fim de organizá-los. Os pacotes interpretativos possuem uma estrutura interna que abriga uma ideia organizadora central, o enquadramento. Assim, apresentam símbolos condensados, chamados de “dispositivos”, que sugerem o cerne do enquadramento. Os dispositivos simbólicos, por sua vez, podem ser de enquadramento (*framing devices*) ou de justificação (*reasoning devices*). Os primeiros sugerem como pensar sobre uma questão ou fornecem a estrutura para “ler” o tema, podendo ter cinco formas: de metáforas; exemplos; slogans ou chavões; representações; ou imagens visuais. Já os *reasoning devices* justificam o que deveria ser feito sobre esse dado assunto, fornecendo argumentos ou razões. Estes podem ter três formas: de origens ou causas; consequências ou possíveis efeitos; ou apelo a princípios. Estes dispositivos são responsáveis por sugerirem o cerne do enquadramento (VIMIEIRO; MAIA, 2011).

O processo de análise começou ao se assistir cada filme uma série de vezes, anotando-se possibilidades de categorização dos assuntos abordados. Depois de uma seleção, seis categorias foram elaboradas para a classificação dos conteúdos discutidos em cada trecho. A construção de categorias baseadas no material utilizado é uma escolha metodológica que permite melhor contemplar o foco da análise. Elas são descritas na Tabela 1, abaixo.

TABELA 1 – CATEGORIAS UTILIZADAS

Categorias	Definições
Nacionalismo/Bolívar	Referências a Simon Bolívar e à grandeza da Venezuela
Relação com as massas	Contato de Chávez com a população; governo “para o povo”; carismático e heroico
Imperialismo/oposição interacional	Referências negativas à Venezuela, a seus aliados provenientes dos EUA ou de outros países e a seus meios de comunicação; réplicas
Oposição nacional	Comentários negativos oriundos da mídia, de políticos, da população ou de militares, na Venezuela
Integração regional/apoio latino-americano	Manifestação de líderes latino-americanos e referências aos países da região
Chávez	Menções a Hugo Chávez enquanto pessoa, falando-se dele, de seu trabalho, de suas origens e de sua carreira militar

FONTE: A autora (2017).

O próximo passo foi dado através do software MAXQDA: a seleção de trechos dos filmes e a atribuição das categorias. Cada trecho poderia englobar mais de uma categoria, sendo as nomenclaturas atribuídas de forma aleatória, e não em grau de importância. Em

seguida, cada segmento foi assistido novamente, com a realização de anotações sobre as suas características e os detalhes imagéticos apresentados, bem como de palavras-chave consideradas pertinentes para a construção da análise. Dessa maneira, pretendeu-se unir teoria e prática de forma eficiente, preservando-se a riqueza de detalhes em todos os momentos.

ANÁLISE

A quantidade de trechos extraídos e analisados em cada filme foi, respectivamente, de 49, 48 e 46 trechos, com a atribuição de uma, duas ou até três categorias para cada um. Aqui serão ressaltados os elementos comuns entre as categorias, seguidos de exemplos:

1) Nacionalismo/Bolívar: apresenta referências a Simon Bolívar como o libertador da América, aparecendo sempre em seu esplendor e grandeza. Constitui o maior símbolo nacional da Venezuela, tendo o sonho de uma república livre e soberana, que os impérios inglês e estadunidense destruíram. Chávez afirma, em um dos trechos, ter a sorte que Bolívar não tivera de herdar a lealdade de uma equipe e de um povo — já que Bolívar fora traído por seus próprios companheiros e abandonado pelo povo.

Há aqui, também, referências às Forças Armadas e aos êxitos militares do país, quando Chávez se refere ao quartel que fora base da tentativa de golpe de 1992. Em “Meu amigo Hugo” há um trecho no qual, em uma cena na Academia Militar, aparecem imagens de Bolívar e de Hugo Chávez, com o escrito “Comandante Supremo da Revolução Bolivariana”. Em seguida, Cristina Kirchner diz que Chávez era extremamente militar, que ele recuperara a tradição de comprometimento com o povo, mostrando que poderia uni-los às Forças Armadas, algo que iria contra a história recente do continente, que sofrera com ditaduras militares. Outras características importantes dessa categoria são as exaltações da pátria em diversos discursos de Chávez, bem como na resistência ao golpe de Estado de 2002.

Sobre Nacionalismo/Bolívar + Relação com as massas, há uma cena no começo de “Meu amigo Hugo” em que Chávez mostra a vista de Caracas a Oliver Stone. Quando aquele diz “Caracas”, há um corte para outra cena, durante o dia, em que há uma bandeira da Venezuela no céu e, ao fundo, ouve-se alguém gritando “Chávez”. Estabelece-se, portanto, que Chávez consiste na essência do país, representado por sua capital, sendo o condutor de seu povo. Em outra cena do mesmo filme, há a imagem de um comício lotado, onde todos estão de vermelho, em que se vê uma imagem de Bolívar na multidão e Chávez brada: “Pátria, socialismo ou morte! Venceremos!” Na sequência, há um close em seu punho fechado e levantado.

Com a Constituição de 1999, Chávez via como sua responsabilidade a conscientização do povo venezuelano. Oliver pergunta ao ex-vice-presidente da Venezuela onde ele colocaria Chávez na história da América do Sul. Ele responde que na mesma altura de Bolívar, Miranda, Sucre e San Martín, dos grandes libertadores desse continente, e diz: “E na Venezuela, o líder mais importante que já tiveram no país. Deu um novo sentido à vida dos venezuelanos, às maiorias renegadas. Por isso que para a direita é muito difícil retornarem ao poder, porque a grande maioria dos venezuelanos é formada por gente pobre, humilde, que conseguiram [sic] se tornar visíveis graças à política de Chávez. Antes praticamente não existiam, eram só um número eleitoral, e mal votavam. Hoje, votar é importante. O povo humilde, simples, identifica suas aspirações com as de Chávez”. Em seu último discurso antes de partir a Cuba pela última vez, o ex-presidente disse pretender dar boas notícias nos próximos dias, para que juntos pudessem continuar construindo a pátria. “Chávez não é só este ser humano, é um coletivo, como dizia o slogan da campanha ‘*Chávez corazón del pueblo*’, e o povo está aqui no coração de Chávez”.

Em “A Revolução não será televisionada”, as referências a essa combinação de categorias aparecem nas falas sobre a redistribuição dos lucros do petróleo, uma medida inédita na história do país, e, também, no estabelecimento de uma relação de confiança do povo em relação ao Exército.

Outra dupla classificação pertinente é Nacionalismo/Bolívar + Imperialismo/Oposição internacional. Há referências à libertação do país das influências liberais de Washington e à concretização de sua soberania, como quando Chávez, em um estádio lotado, manda a ALCA “*al carajo*”.

Em Nacionalismo/Bolívar + Integração regional, há referências sobre a atuação continental de Simon Bolívar. Em “Ao sul da fronteira”, Chávez diz que “o continente quer ser ele mesmo”, sobre sua capacidade de auto-organização. Oliver Stone narra que “parecia que o sonho de Bolívar começava a se realizar”, sobre a confluência das modificações dos países vizinhos. Raul Castro diz que os cubanos foram “os primeiros”, mas não são os padrinhos dos processos revolucionários que vieram em seguida, e que todos são herdeiros dos libertadores da América como Bolívar, Sucre e Touissant L’Ouverture.

Em Nacionalismo/Bolívar + Chávez, destacam-se as falas em que Chávez se refere a seus companheiros soldados que morreram, com os quais era fortemente conectado: “Esses mortos carrego comigo. E isso faz parte do meu compromisso”. Na cena final de “Ao sul da fronteira”, Chávez diz que as coisas que os faz continuar são fé, otimismo, a esperança e a evidência concreta de que é possível mudar o mundo e a história. “É possível, Oliver”, ele diz,

evidenciando o peso da responsabilidade que carrega como um agente transformador. Em “Meu amigo Hugo” há uma fala em que Chávez afirma que o quartel carrega um significado pessoal importante para ele, e diz a Oliver Stone: “Por que te digo isto? Porque você estava me perguntando de uma força, de onde ela vem, a consciência. Eu estou consciente do porque estou aqui. Eu venho dali”. Ainda nesse filme, Oliver Stone questiona como Chávez reage às críticas à sua pessoa, e este lhe responde: “Mas isso já não me importa. Me importa o que pensa a maioria, sobretudo os pobres. Porque eu, como disse Martí, tenho a minha vida e minha sorte lançada pelos pobres, os pobres da terra. Então nunca me cansarei de ser o que sou. A cada dia serei mais Chávez.”

2) Relação com as massas: nesta categoria apresenta-se a intensa relação estabelecida entre Chávez e a população venezuelana, com uma série de imagens e falas que reforçam o estabelecimento de um apoio mútuo entre eles. O filme “Meu amigo Hugo” apresenta em seu início a inscrição “Dedicado a Hugo Rafael Chávez Frías e ao bravo povo venezuelano”. Há a exaltação da ideia de que o governo é para o povo, como ressalta o presidente em um comício: “O poder que vocês me deram, não me pertence, pertence a vocês. Vocês elegeram o governo que não será o governo de Chávez, porque Chávez é o povo: vai ser o governo do povo”. Há, também, o heroísmo com o qual libertou o país das oligarquias nacionais e da dominação norte-americana: “Chávez prega a revolução e é isso que o povo quer escutar”.

Ao registrar o que as pessoas relatavam nas ruas a respeito do presidente, é apresentada uma mulher que diz que a política, antes dele, era um grupo ficar rico enquanto o outro passava fome, pois não lhes chegavam os recursos, mas que com Chávez a política passou a interessar-lhes, que passaram a querer vivê-la, porque ela era democrática e participativa. Dois homens afirmaram que “nos governos anteriores de AD e COPEI, nos fechavam a porta para não falarem conosco, estavam sempre ocupados, em reuniões, na câmara, mas a câmara era para eles e não para a pobreza” e que “pela primeira vez na Venezuela temos um governo que é democrático, que nos faz participar, um governo que é do povo”.

No episódio do golpe de Estado em 2002, referenciado em “Ao sul da fronteira” e detalhadamente relatado em “A revolução não será televisionada”, é muito evidente a intensidade dessa relação. Em um primeiro momento, houve um grande protesto chavista para contrabalancear as manifestações das oposição. Dois dias depois do golpe, ao saberem que Chávez não havia renunciado, pessoas exigindo sua volta rodearam o palácio de Miraflores, e lá ficaram por horas. Quando, por fim, retornou, o presidente foi ovacionado pela população,

que gritava: “Chegou, chegou, chegou”. Em um discurso, o ex-presidente afirmou: “O povo chegou neste Palácio para não ir-se mais. E isto está provado.”

Em *Relação com as massas + Imperialismo*, Chávez afirma que sua luta contra as influências estrangeiras se dava em prol da população, chegando a dizer que “desceria ao inferno” para defender como pudesse o povo bolivariano da Venezuela.

Em *Relação com as massas + Chávez*, ressalta-se que o carisma e a humildade com os quais se relacionava com a população era uma característica inerente à sua pessoa, e também uma ferramenta importante para conseguir apoio dentro e fora do palácio. Junto com sua experiência militar, soube conquistar a lealdade de suas tropas. O Ministro de Relações exteriores narra um episódio em que ele e Chávez pararam na estrada e entraram em uma casa muito humilde, cuja dona lhes oferecera café. Ao provar o café, Chávez notou algo estranho, e a senhora lhe revelou que seus seguranças haviam trocado as garrafas de café. Este, então, entrou na cozinha e se serviu sozinho. Outro fato relevante nessa categoria é o relato de que Chávez fortalecera o programa das mulheres em todas as categorias, colocando-as em evidência em todos os âmbitos possíveis, pois se dizia feminista.

3) *Imperialismo/Oposição internacional*: os segmentos selecionados nesta categoria consistem basicamente em acusações norte-americanas sobre a falta de democracia no regime Chávez, que influenciou seu fornecimento de petróleo. É importante ressaltar que, no início dos anos 2000, o mesmo argumento fora apresentado pelo governo de George W. Bush para justificar as invasões ao Afeganistão e ao Iraque, ações estas que foram condenadas por Chávez, pois, segundo ele, não se pode responder ao terror com mais terror. Assim, quem desafiava Washington se tornava um inimigo. Esse argumento, segundo o ex-presidente, justificou o apoio dos EUA ao golpe de 2002, apoio este reiterado pela mídia do país. O FMI, por exemplo, manifestou apoio ao ocorrido afirmando que a queda de Chávez era de extrema importância para o capitalismo global. Os Estados Unidos compravam mais petróleo da Venezuela do que de qualquer outro país da OPEP e, assim, o preço do barril despencou após sua queda.

A mídia americana acusava Chávez de amar tanto os pobres que “os multiplicara”, e de infringir os direitos humanos. Ao aparecer ao lado de Fidel e Ahmadinejad, ex-presidente do Irã (2005–2013), foi classificado, juntamente com os outros dois, como “tirano inimigo dos EUA”. Hugo Chávez, por sua vez, não deixou de responder a essa série de mensagens negativas: chamou, por exemplo, Bush de “diabo” em uma conferência da ONU. O anúncio de sua morte foi comemorado pela mídia americana, e uma jornalista chegou a dizer: “Eu espero que Hugo Chávez esteja sufocando em enxofre agora e apodrecendo no inferno, e não

estou sozinha: o povo oprimido da Venezuela sente o mesmo. Ele transformou o país em um buraco socialista.”

Em Imperialismo/Oposição Internacional + Oposição Nacional, se condensaram mensagens opositoras de maneira geral. Um exemplo delas aparece quando Oliver Stone questiona pessoas próximas a Chávez sobre seu câncer, que fora, segundo Maduro, atípico em todos os sentidos. O Ministro do Petróleo afirma acreditar que Chávez fora assassinado, pois, segundo ele, acontecera “exatamente o que a extrema direita queria que acontecesse”. Maduro também tem suas suspeitas, e diz que Chávez também as tinha, que tinha a convicção de que tinham lhe feito um mal. Juan Santos, presidente da Colômbia, afirma que, assim como muita gente o amava, muita gente o detestava. Diosdado Cabello diz que continuar fazendo uma revolução no país que tem a maior reserva de petróleo do mundo era algo que nunca seria perdoado e, em seguida, fala sobre sabotagens. Sobre o episódio do golpe de 2002, foi relevado que a oposição chavista, apoiada pela mídia privada venezuelana, se reunira com funcionários do governo norte-americano para discutir as ações que seriam tomadas com o intuito de tirar Chávez da presidência.

Em Imperialismo/Oposição Internacional + Integração regional, aparecem referências a outros líderes latino-americanos, como Evo Morales, mais um inimigo da gestão Bush. A mídia norte-americana se refere ao novo triângulo antiamericano de língua espanhola, formado por Chávez, Evo e Fidel, dizendo que a geopolítica do continente está mudando — com o que Oliver Stone diz concordar. A posse de Obama consistiu em uma nova esperança para as relações americanas com os países representados por estes líderes. Em uma reunião da Cúpula das Américas em Trinidad e Tobago, em 2009, a maioria dos países se recusou a assinar qualquer documento com a ausência de Cuba, revelando-se uma forma de resistência à subordinação aos EUA.

Oliver Stone, em uma entrevista no filme *Meu Amigo Hugo*, defende que Chávez fora eleito democraticamente e que é popular. Sugere que os jornalistas, ao invés de criticá-lo indiscriminadamente, olhem para as mudanças econômicas positivas que ocorreram na América do Sul graças a Chávez, aos Kirchner e outros; que pensem na pobreza e na violência antes de Chávez, na miséria que a América do Sul sofreu graças aos EUA, e que, ao invés de colaborarem com as pessoas que trabalham para os EUA — segundo ele, ricos, oligarcas que controlam a terra e os recursos, passem a ter uma visão mais evoluída sobre o continente.

4) Oposição Nacional: aqui, reúnem-se uma série de trechos sobre a oposição venezuelana a Chávez e seu governo. Boa parte dos segmentos selecionados faz referência ao golpe de 2002. A oligarquia nacional, além de resistir ao governo chavista, controlava a

mídia, tinha apoio militar e havia recebido ajuda dos EUA e da Espanha. Os meios de comunicação reclamavam de uma suposta censura, enquanto o governo lhes garantia total liberdade de expressão: tais meios de comunicação constituíam boa parte da audiência, enquanto o governo se utilizava apenas do estatal Canal 8. Diante de uma intensa polarização no país, a população mais abastada condenava veementemente o governo de Chávez. Em uma cena em que aparece uma reunião de moradores, as donas de casa são aconselhadas a prestar atenção no comportamento de suas empregadas domésticas, já que muitas delas pertenciam aos Círculos Bolivarianos e podiam passar-lhes informações/estar armadas.

Ainda, é retratado que no protesto anti-Chávez houve uma mudança de trajeto por parte dos manifestantes, que foram em direção ao palácio de Miraflores, onde se concentravam os manifestantes chavistas. Os militares tentaram impedir um confronto entre os grupos, mas um tiroteio foi o estopim de uma confusão. Uma emissora de televisão privada manipulou as imagens desse episódio, acusando Chávez de ser o mandante do massacre. Pedro Carmona disse na televisão que o presidente deveria se responsabilizar diante o país, renunciar e facilitar a transição do governo, contando com o apoio das Forças Armadas. O corte do sinal do Canal 8 impediu os membros do governo de se comunicarem com a população, garantindo que as únicas informações veiculadas fossem as dos canais privados. Com o palácio rodeado por tanques, negociou-se que Chávez se entregaria, para evitar um derramamento de sangue, mas este se recusou a renunciar. Carmona anunciou que Chávez estava sob custódia dos militares e pediu que se formasse de imediato um novo governo de transição. Assim, o país amanheceu em um novo regime, que fora apresentado por um programa de televisão, em que participantes do golpe agradeceram os meios privados. Enquanto isso, o novo governo comemorava no palácio e começava a construir uma nova gestão. Segundo um ex-funcionário de um canal privado, a diretriz editorial aquele dia era a proibição da aparição de personagens chavistas.

Estes canais não veicularam informações a respeito da retomada do palácio pela administração chavista, mas ao contrário: Pedro Carmona afirmou em entrevista, quando deste episódio, que, apesar dos protestos, eles ainda possuíam o controle total da situação. A mídia privada teve papel fundamental em todo o processo do golpe, sendo este considerado, segundo especialistas, o primeiro “golpe midiático” da história. Mesmo depois do fracasso do golpe, continuou apoiando grupos opositores, como, por exemplo, funcionários grevistas da PDVSA.

Em Oposição nacional + Chávez, apresenta-se críticas diretas à pessoa de Chávez. O Ministro das Relações Exteriores diz que além de atacar diretamente Chávez, quando a oposição percebeu que não poderia derrotá-lo, passou a atacar também sua equipe de apoio.

5) Integração Regional: os segmentos desta seção mostram mensagens de apoio entre líderes latino-americanos, como Evo Morales afirmando que não tinha vergonha de admitir que era admirador de Fidel e Chávez. Cristina Kirchner diz que pela primeira vez na região os governantes se parecem com seus governados. Acrescenta, ainda, que na América Latina não existia colonialismo de um país sobre o outro, já que sua população acreditava na integração, respeitando as diferenças entre cada um, e que Chávez não era um ditador, pois havia sido eleito diversas vezes. Fernando Lugo, ex-presidente do Paraguai, afirma que as mudanças do continente haviam sido baseadas na Teologia da Libertação: “Se aqui tem que haver privilegiados, tem que ser os que foram historicamente esquecidos: os indígenas, os sem-terra, os analfabetos, os sem saúde que são os que hoje devem ser os primeiros a serem atendidos.” O governo Lula recusou qualquer cumplicidade brasileira nos planos de desestabilizar a Venezuela e a Bolívia, afirmando que não possuía interesse em brigar com os Estados Unidos, apenas de ser tratado com igualdade de condições no âmbito diplomático. Em seguida, Lula disse: “Eu acho que nós estamos mudando o patamar de governança na América latina, e pela primeira vez os pobres estão sendo tratados como seres humanos. O resultado do avanço político na América latina é o resultado do fortalecimento da democracia.” Rafael Correa ressalta que Chávez começou uma nova era no continente, que fora “o primeiro”, que isso devia ter sido muito difícil e que sua única influência era a de ter dado exemplos de muitas coisas.

Em uma cena de “Meu amigo Hugo”, na gravação do programa “Aló presidente”, em Cuba, com a presença de Fidel Castro, Chávez diz que o programa é seu, de Cuba e de todos, ao que o governante cubano responde que Cuba é de Chávez e de todos. Sobre Chávez, após sua morte, Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, diz crer que “o indivíduo cumpre um papel na história, dentro de certos limites de tempo e da época que nos cabe viver. Eu conheci o Che, conheci o Mao, mas esse é um personagem que rompeu os padrões.” Lula acrescenta: “a Venezuela antes do Chávez nunca tinha tido um presidente que tivesse o amor pelo povo que o Chávez tinha. Que tivesse compromisso com a integração que o Chávez tinha, que tivesse compromisso com os mais humildes que o Chávez tinha. Então isso me marcou profundamente. Eu acho que foi uma perda muito grande pra América latina. Eu não quero que você goste do Chávez, eu só quero que você diga o que que era a Venezuela antes do Chávez e o que é a Venezuela agora com Chávez.” Já Rafael Correa afirma que Chávez “era

um dos bastões da integração latino-americana, da UNASUL. Homens como Chávez são muito necessários, mas ninguém é imprescindível e devemos seguir em frente.”

6) Chávez: na última categoria, apresentam-se segmentos sobre a pessoa de Chávez. Quando esteve sob custódia militar durante o golpe de 2002, o ex-presidente disse: “vi o rosto da morte, quase me mataram. Pensava em Che Guevara que morreu de pé. Por dentro não vou implorar perdão nem clemência, vou morrer de pé”, e, em outra cena, acrescenta: “Só não me mataram porque eu passei a vida toda nas Forças Armadas e os militares mais jovens me veem como líder.” Oliver Stone questiona o presidente sobre sua reação às críticas que recebia, dizendo que ele parecia ter “desenvolvido uma proteção”, mas que no começo devia ter doído muito. Chávez responde: “me afetou pessoalmente, sim. No começo me doía, as mentiras e o desrespeito ao povo. Mas depois entendi que era um jogo e que não importa o que eu faça, vão continuar me chamando de tirano. O povo conhece a verdade.”

Chávez aparece como um trabalhador que dorme pouco, mas que o faz com prazer. Um homem comum, amante de café. Sua origem humilde é apresentada como ligada à sua ambição de vida de mudar o país. Todos os dias checava os preços do petróleo, de manhã e à noite, pois considerava este um tema fundamental para a Venezuela. Viajava habitualmente com muitos livros e sempre improvisava em suas falas, mas seus improvisos eram planejados: ele estudava e projetava tudo previamente, segundo o ex-vice-presidente. Em uma conversa com Oliver Stone, Chávez afirma que “eu creio que nunca cansarei de ser Chávez, porque Chávez me permite, como diz o poeta, ‘a reivindicar-me com a vida’... sendo presidente ou não. Mas nunca me cansarei de ser o que sou, de pensar o que penso. Creio que a cada dia sou mais Chávez, a cada dia mais fortalecido comigo mesmo.”

Acometido por um câncer, encarou-o com coragem e não deixou que isso afetasse sua função como chefe de Estado, e, mesmo com um ritmo mais lento de trabalho, não sucumbiu emocionalmente. Maduro afirma que Chávez lhe ensinara a trabalhar intensamente, com uma disciplina, um compromisso com o que se faz. Sua esposa, a atual primeira dama, afirma que o ex-presidente possuía um senso de humor extraordinário o tempo todo. Nos seus últimos meses de vida, tornou-se um ser humano comum, e o mais importante era curar-se.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Retomam-se aqui as perguntas que embasaram a pesquisa: como a imagem de liderança de Chávez é construída? Uma vez que os documentários são favoráveis à sua pessoa, quais atributos são utilizados para reforçar essa imagem, que se contrapõe à da mídia

tradicional? Como a imagem construída pelos documentários reforça aquela criada pelo próprio Chávez?

O povo fora leal a Chávez, que, por sua vez, retribuiu-lhes com carisma e humildade até seus últimos momentos. Esta atitude, agregada à sua trajetória e ação militar, cujo viés popular fora diversas vezes enfatizado, foi o que lhe garantiu a tão significativa retomada do poder em 2002. Cynthia McKinney (2015) defende que Chávez seria, segundo o conceito de James Burns (1978 apud CALAÇA; VIZEU, 2015), um líder transformacional. De acordo com essa tipologia, um líder garante a obediência de seus seguidores através da exaltação e do reforço de um ideal compartilhado pelo grupo. Dessa forma, a relação entre eles se sustenta por uma causa comum. Chávez, segundo a autora, fazia referências à liberdade, dignidade e justiça como metas finais de seu propósito coletivo e, com isso, transformava seus seguidores em líderes, enquanto tornava-se um agente moral.

Através de seu discurso nacionalista, visava a manutenção de uma união por meio da identidade nacional. Essa imagem fora representada anteriormente por Simón Bolívar e Chávez assumira esse papel na contemporaneidade. Assim, quando há a assimilação entre Caracas, a bandeira da Venezuela e o chamado por Chávez, compreende-se que sua identidade e aquela do povo que defendia se mesclaram em algo único, que fora impossível dissolver. A retórica da tradição se utiliza da história para legitimar ações e dar coesão a grupos através da ressignificação do passado, com versões que se impõem como verdades de acordo com os interesses de cada emissor. Essa característica é típica do populismo, cujo discurso a emprega como mecanismos de mobilização. Assim, Bolívar ocupa, desde o século XIX, o lugar de mito nacional por excelência (SEGÓVIA, 2009).

O projeto bolivariano modificou a identificação do papel dos militares, associando-os ao Exército patriota do século XIX que rompera com o Império Espanhol, da mesma maneira que tentou romper com a ordem vigente em 1992. A exaltação da ação militar se equipara, dessa forma, com as realizações e o compromisso com o processo de independência venezuelana. O discurso chavista propõe uma continuidade histórica entre ambos os exércitos, equiparando entre si a estatura moral de seus protagonistas (ROMERO, 2005).

As mudanças a que o governo de Chávez conduziu permitiram ao povo conscientizar-se politicamente, para serem capazes de demandar seus direitos, antes escassos. A identificação de sua origem humilde e do fato de ser um homem comum, trabalhador e com traços andinos representava a chance de ascensão de indivíduos que até então não contavam com essa possibilidade. Com a consciência e a responsabilidade de ser um condutor nacional, um modificador da história, protegia-se de críticas que pudessem desestabilizar seus

compromissos com o povo. A imagem de sua pessoa configurava, portanto, a mudança, a batalha pela construção de uma nova realidade nacional e, posteriormente, também regional.

Foi responsável também pela imposição da soberania nacional, finalizando um longo período de subserviência aos Estados Unidos. Este, ao ter sua autoridade questionada, ainda mais em um contexto geopolítico mundial tão significativo, respondeu como pôde e falhou — vide abril de 2002. Essa soberania, agregada à aproximação com Cuba, a implementação do Socialismo do século XXI e a promoção da integração regional, fez com que Washington revivesse o enfraquecimento da Doutrina Monroe. Chávez assumira e reproduzira o papel de sucessor de Bolívar também a nível continental.

Regionalmente, a ascensão de outras lideranças com ideologias semelhantes à de Chávez garantiu a consolidação de uma rede de apoio inédita. É inegável, como comenta Cristina Kirchner, que pela primeira vez na história os governantes tinham a cara de seus governados, e o ex-presidente venezuelano fora um exemplo que contribuiu para que isso se realizasse. Esse apoio mútuo permitiu o surgimento de uma identidade regional, sem comprometerem-se os sentimentos nacionais. Retomando ainda a ex-presidente argentina, acredita-se em uma integração que respeite as diferenças e as identidades de cada país, sua cultura e seus processos políticos distintos.

Existem versões de identidades culturais que desempenham o papel de meios de resistência contra a dominação e a exclusão, podendo ocorrer no plano da política interna ou das relações externas. De acordo com o colonialismo, existem versões de identidades culturais desenvolvidas por povos oprimidos que têm como função contribuir para a resistência às nações opressoras (LARRAÍN, 1994). Na luta contra o imperialismo, a Venezuela assume uma identidade de resistência, tanto individualmente, quanto em união com outros países latino-americanos. É através dessa resistência que o continente tenta ser ele mesmo, como diz Chávez em “Ao sul da fronteira”, resistindo a dominações externas de caráter simbólico. Essas resistências contribuem para um enfraquecimento do centro e para o desenvolvimento de um mundo multipolar.

A perda de direitos e de status das tradicionais elites do país impulsionou a polarização da sociedade a extremos. Essa parte da população temia a consolidação de um regime comunista. Enquanto acusavam Chávez de ser um ditador, inúmeros plebiscitos foram realizados para consolidar sua manutenção no poder de forma legítima, reforçando-se ainda que sua base de apoio possuía um viés socioeconômico. Assim, tanto a oposição nacional quanto a internacional reforçavam seus ataques através de julgamentos morais a membros do

governo e, também, por meio de discursos de ódio, não se respeitando nem o anúncio da morte do presidente.

No filme *Meu Amigo Hugo*, que configura uma homenagem póstuma, reforça-se que a morte de Chávez ocorreu apenas no plano físico: ele continua sendo um guia espiritual da revolução em curso. Além de ser constantemente lembrando com carinho em todos os depoimentos apresentados, os membros do governo se utilizam de sua forte imagem para manterem a legitimação de seu regime. Sua partida serviu para consolidar sua liderança, já que sua relação com o povo não fora abalada em nenhum momento quando ainda em vida. Seus restos mortais foram alocados no Forte repleto de significados que ele mostrara emocionado para Oliver Stone. O simbolismo é evidente: ali começara sua atuação política em 1992, e ali ficará para a eternidade.

Cada filme com uma construção argumentativa diferente e coerente contribuiu para a representação de Chávez como um salvador da pátria. Seu caráter fora reforçado por suas origens humildes e sua carreira militar de cunho popular. O presidente aparece sendo injustiçado por oposições consideradas mesquinhas e ressentidas pela perda de benefícios. Com acusações vazias e agressivas, não tinham força o suficiente para quebrar a união entre o líder e seu povo. A representação de Chávez como um indivíduo carismático e humilde em todas as esferas de seu cotidiano atua como um reforço negativo para o argumento de que seria um líder meramente demagogo. Chávez se mostrava alguém que realmente vivia aquilo que pregava, e assim reforçava uma conduta moral exímia, digna de um verdadeiro líder. Esses seriam os principais atributos utilizados para reforçar sua imagem de liderança.

Esta estratégia vem acompanhada, em seu caso, de uma desmistificação da figura do líder, no dismantelamento da “ideia” de *caudillo*, que domina e impõe ao coletivo seu parecer, ainda que na prática política se assista a um exercício único do poder, onde sua palavra é a última decisão do adepto bolivariano. Discursivamente, se apela à emoção, derivada das referências pessoais nas alocuções, às pessoas que intervêm, assinalando um laço de conhecimento pouco comum nos discursos políticos, que permite que o cidadão/povo se “faça público” diante do líder, passa do anonimato ao reconhecimento, estabelecendo uma relação intimista, marcada pelo emprego de entidades genéricas — amigo, amiga, irmão — que dão significado e transcendência à intervenção. (ROMERO, 2005, p. 366, tradução nossa).⁵

⁵ “Esta estrategia viene acompañada, en su caso, de una desmitificación de la figura del líder, en el dismantelamiento de la “idea” de caudillo, que domina e impone al colectivo su parecer, aunque en la práctica política se asista a un ejercicio unipersonal del poder, en donde su palabra es la última decisión del adepto bolivariano. Discursivamente, se apela a la emotividad, derivada de las referencias personales en las alocuciones, a las personas que intervienen, señalando un lazo de conocimiento poco común en los discursos políticos, que permite que el ciudadano/pueblo se “haga público” ante el líder, pasa del anonimato al reconocimiento, estableciendo una relación intimista, signado por el empleo de entidades genéricas - amigo, amiga, hermano - que le dan significado y transcendencia a la intervención.”

Os filmes, quando vistos em conjunto, permitem a visualização de Chávez como uma liderança extremamente competente — ou seja, propõem uma retificação daquilo que o ex-presidente queria demonstrar. A população sustentou essa liderança porque de alguma forma ela lhe trazia algum retorno e assim, Chávez foi mantido no poder. A argumentação da oposição fora desqualificada como um ressentimento elitista, reforçando ainda mais o papel de Chávez como libertador do povo venezuelano, que desde sempre fora marginalizado. Ao assumir esse papel, como uma continuidade de Bolívar, ressignificou 200 anos de história, a fim de legitimar seus ideais — ou seja, consolidou sua forma de pensar, a fim de obter legitimação como guia. De fato, uma série de valores e ideias pregados pelo discurso chavista representam um ideal de mudança para a América Latina, cuja história é repleta de dominações em vários âmbitos, e esse movimento, essa tentativa de autonomia, é significativa e deve ser considerada um ponto positivo (LÓPEZ MAYA, 2006). Muitas mudanças aconteceram na Venezuela no governo de Hugo Chávez; a revolução, entretanto, não se concretizou, já que a estrutura capitalista da sociedade fora mantida (MORAES, 2015).

CONCLUSÕES

Em primeiro lugar, é necessário ressaltar que a utilização do vocábulo “chavista” se deu unicamente com a intenção de reproduzir o conteúdo obtido na coleta de dados, não expressando visões políticas ou ideológicas por parte da autora. Em seguida, retoma-se a questão do enquadramento como método de pesquisa, por meio do qual selecionam-se segmentos dos filmes, que são analisados em sua especificidade, em relação ao documentário completo e, principalmente, em relação aos contextos políticos (locais e mundiais) retratados. Assim, é possível esmiuçar a mensagem a fim de melhor compreendê-la. A análise de filmes documentários na Ciência Política ainda se dá de forma incipiente; espera-se, assim, que este trabalho contribua de alguma forma para o desenvolvimento deste segmento.

A liderança de Chávez se encaixa, de alguma forma, em todas as tipificações que foram apresentadas no primeiro capítulo, de líder populista e de mito político. Sua figura é um significativo vazio agregador das “demandas democráticas” da massa; seu carisma conduz a população de forma exímia, associando o líder ao seu projeto de Estado. O populismo é uma forma política desprovida de conteúdo, devido ao fato de, em uma massa, se agregarem individualidades heterogêneas. Dessa mesma maneira pode-se caracterizar, na sociedade venezuelana polarizada, o grupo antichavista: uma agregação de opositores. O modo de construir o político chavista ressignificou identidades políticas a partir de suas reduções

maniqueístas — ou seja, de um lado os que eram a favor do presidente e, do outro, os contrários a ele.

Como mito, Chávez ressalta o passado, através de Simon Bolívar, e o futuro que será construído pela própria população, além de se colocar como o salvador da pátria. Retomando Miguel (2000), o salvador encarna todo o social contra os interesses egoístas dos seus adversários, através de uma unidade, no caso de Chávez, consolidada no projeto político bolivariano. Dessa forma, proporcionou, de diversas maneiras, a participação política da população, que seria uma das bases para a consolidação do propósito de uma Venezuela livre de dominações oligárquicas e imperiais. O sentido do salvador é a mobilização para a ação em recusa à razão, trazendo uma verdade que é incontestável: em diversos momentos os filmes apresentam depoimentos de pessoas replicando as palavras do comandante Chávez, que os guia para lutar pelos seus direitos. Isso não desqualifica o significativo crescimento da participação política incentivada pelo governo, mas representa a reprodução de clientelismos. É importante ressaltar outra característica do mito político, que é a presença de elementos de conspiração na sociedade, contra os quais o líder luta: o constante boicote estadunidense e das elites nacionais e, também, o câncer que o ex-presidente contraiu.

Independentemente da tipificação da atuação política de Chávez, sua força estava em seu discurso, que fixava fronteiras entre “nós” e “outros” constantemente: Chávez era o homem comum cujo discurso informal permitia a sua identificação com os cidadãos, que deveriam se unir para combater os opositores. O discurso utiliza o convencimento para legitimar o poder de quem detém o conhecimento e, assim, Chávez construiu as verdades concretizadas no processo da revolução bolivariana. Guiou, dessa forma, as representações de mundo e as relações sociais através da reprodução de suas ideias, de seu saber, construindo crenças sobre os significados de situações políticas. Através do discurso, as palavras ganham sentido quando associadas a um projeto político, mas não quando tomadas por si só. Essa é a imagem que Chávez constrói de si mesmo e que os documentários reiteram: o grande orador que comove o interlocutor mesmo em conversas banais, por demonstrar saber sobre o que se fala, utilizando-se de sua humildade e perseverança diante das adversidades. Quando mostrado em falas oficiais, cercado de uma população que demonstra seu apoio, o apelo emocional é ainda mais intenso. Os documentários reforçam esses atributos constantemente.

A maneira como o mito transmite uma mensagem verdadeira e incontestável, bem como o modo como o discurso político legitima o poder, e ambos relacionam-se diretamente com a discussão entre verdade e convencimento intrínsecas aos filmes documentários. Estes, para retratarem visões de mundo e suas representações, modificam as imagens dando sentido

ao argumento que pretendiam sustentar, sendo esta uma forma de transmitir conhecimento. Retomando Nichols (2005), a organização de um documentário é avaliada pelo poder de persuasão ou convencimento de suas representações, e a noção de verdade, segundo Ramos (2008), se aproxima daquela de interpretação. Assim, um documentário que reproduz a mensagem de um mito político pode facilmente ser interpretado como algo verdadeiro, sem grandes contestações — ou, ao contrário, pode construir uma imagem completamente oposta, ao ressaltar apenas aspectos negativos, e, assim, atingir um outro público, que simpatiza com esse viés.

Documentários permitem a construção de imagens públicas, tornando-as parte do imaginário político. Chávez, ao contar com ao menos três documentários cujas representações reforçam o caráter positivo de sua atuação por si só, já se consolida como um líder político excepcional, pois sua mensagem permanecerá documentada e, conseqüentemente, será reproduzida de forma efetiva através de gerações. Espera-se, por sua vez, que as documentações negativas acerca de sua atuação política extrapolem o mero maniqueísmo e apresentem críticas contundentes ao seu regime. Finalmente, é possível dizer que a imagem que Chávez construiu de si mesmo a partir dos atributos de seu caráter indubitável, de sua humildade e do fato de ser um homem comum, honesto e trabalhador, bem como um excelente orador, foram efetivamente reproduzidas pelos três filmes aqui analisados.

REFERÊNCIAS:

Ao Sul da fronteira. Direção: Oliver Stone. 102 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6vBIV5TUI64>>. Acesso em: 9 set. 2016.

A revolução não será televisionada. Direção: Kim Bartley e Donnacha O'Briain. 74 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MTui69j4XvQ>>. Acesso em: 11 set. 2016.

BORÓN, A. ¿Una nueva era populista en América Latina? In: RESTREPO, M. L. M.; BUELVAS, E. P.; VÁSQUEZ, G. H. (Eds.). *El eterno retorno del populismo en América Latina y el Caribe*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

BERNARDES, B. G. A Venezuela numa encruzilhada a nova bipolarização no contexto pós-Chávez. *RELAÇÕES INTERNACIONAIS*, Junho: 2015, pp. 125-141.

CALAÇA, P. A.; VIZEU, F. Revisitando a perspectiva de James MacGregor Burns: qual é a ideia por trás do conceito de liderança transformacional? *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 121-135, jan./mar. 2015.

CHAIA, V. Lideranças políticas e cinema: a imagem construída. *Revista USP*, São Paulo, n. 90, p. 102-119, jun./ago. 2011.

COMOLLI, J. *Voir et pouvoir*. Paris: Verdier, 2004.

EDELMAN, M. *The Symbolic Uses of Politics*. Urbana, University of Illinois Press, 1985.

ENTMAN, R. M. Framing: toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, Nova York, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: a Constructionist Approach. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 95, p. 1-37, 1989.

GAUTHIER, G. *O documentário: um outro cinema*. Campinas: Papirus, 2011.

LACLAU, E. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LARRAÍN, J. La identidad latinoamericana: teoría e historia. *Estudios Públicos*, Santiago, Chile, n. 55, 1994.

LÓPEZ MAYA, M. Venezuela 2001-2004: actores y estrategias en la lucha hegemónica In *Sujetos sociales y nuevas formas de protesta en la historia reciente de América Latina*. CLACSO, Buenos Aires: 2006.

MCKINNEY, C. Hugo Chávez: liderazgo para Venezuela; liderazgo para el Caribe. In: GARCÍA, M. A.; PUNTIÉL, G. A. *El ALBA-TCP: origen y fruto del nuevo regionalismo latinoamericano y caribeño*. Buenos Aires: CLACSO, 2015. Colección Grupos de Trabajo.

Meu Amigo Hugo. Direção: Oliver Stone. 50 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MfBJN4rWJ2Y>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MIGUEL, L. F. *Mito e Discurso Político*. UNICAMP: Campinas, 2000.

MORAES, W. S. *Socialismo del siglo XXI ou capitalismo de las calles? Qual o real significado da 'Era Chávez' na Venezuela?* In SCHURSTER, K. ARAÚJO, R (orgs) *A Era Chávez e a Venezuela no tempo presente*. Rio de Janeiro: Autografia; Edupe, 2015.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

PASSEK, J.-L. *Dictionnaire du Cinéma*. Paris: Larousse, 2001. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1200501s/f2.image.r=Cin%C3%A9ma.langES>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

RAMOS, F. P. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* São Paulo: SENAC, 2008.

ROMERO, J. E. Discurso político, comunicación política e historia en Hugo Chávez. *Ámbitos*, Sevilha, n. 13-14, p. 357-377, 2005.

SEGÓVIA, T. A. Retórica de la tradición en el discurso político venezolano: el culto a los héroes. *Letras*, Caracas, v. 51, n. 79, ago. 2009.

SILVA, M. G. RODRIGUES, T. C. M. Resenha A razão populista de Ernesto Laclau: uma crítica agonística. *Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF* v. 10 n. 2 jul/dez. 2015.

TEDESCHI, L. A.; ARCE, A. M. Discurso, poder e mídia na Venezuela da era Chávez. *Estudos Ibero-Americanos – PUCRS*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 224-239, jul./dez. 2014.

VIMIEIRO, A. C.; MAIA, R. C. M. Análise indireta de enquadramentos da mídia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 235-252, jan./abr. 2011.